

POESIA, VIDA E COVID

Por Américo Venâncio Lopes Machado Filho

António Gedeão (1996, p. 69), conhecido pseudônimo do poeta português Rómulo Vasco da Gama de Carvalho, assim inicia uma de suas poesias:

A terra de meu pai era pequena / e os transportes difíceis. / Não havia comboios, nem automóveis, nem aviões, nem mísseis. / Corria branda a noite e a vida era serena (...)."

O poema – *data venia*, sem lhe querer tirar a importância, mais parecido em sua integridade com um registro de censo da época – distribui, seja numeralmente, seja percentualmente, em seus versos, a vida de 3023 mulheres, até chegar a apenas uma, àquela que passa a ter nome, a que se chamava Rosinha, que, entre todas as outras, viria a ser a escolhida por seu pai para ser sua mãe.

A poesia estimula saber como terá sido a vida das outras 3022 mulheres daquela aldeia. 3022? E Rosinha? Quem foi Rosinha, para além de ter sido sua mãe? A mulher de seu pai? 3023? Talvez nem saiba ele, tampouco nós, que, afinal, de nada sabemos.

A vida que conhecemos é a que presenciamos. A vida que reconhecemos é aquela que nos é narrada, é a que se transforma, pelo poder da escrita, em história. É a que, através de uma mão, em um ato de rebeldia e de atrevimento à sua função mais basilar e original de pegar, se marca na folha do papel por algum período de tempo, na ousadia de se querer perenizar.

Diferentemente, como soía àquela época, a vida hoje, em tempos da COVID-19, não tem sido serena, mesmo depois de haver menos comboios, menos carros, menos aviões, até menos mísseis, muito mais do que na época de Rosinha, é verdade, quando quase nada havia, porém em número menor do que há pouco tempo nos acostumávamos a vivenciar.

Mas há, entre a poesia de Gedeão e a vida que passamos a reconhecer nos últimos dias, uma recorrência histórica fundamental: as circunstâncias ou condições de risco a que se submetem as pessoas no caminho do conhecimento ou reconhecimento de vida, do amor e do medo, para o bem ou para o mal.

De todas as meninas numericamente registradas e reconhecidas em seu estatístico poema (Gedeão, 1996, p. 70), entre as 3023 mulheres daquela aldeia,

(...) havia 9 que moravam / em prédios baixos como antes havia, / um aqui, outro além, mas que todos ficavam / no troço habitual que meu pai percorria, / tranquilamente, no maior sossego, às horas em que entrava e saía do emprego.

Dessas nove, foi Rosinha aquela que seu pai, afinal, levou à igreja. Talvez por seus olhares, não se sabe. Quiçá, por estar ali em seu caminho, à altura da visão, naquele prédio baixo.

Esse tempo, por ora, passou. Rosinhas já não estão à vista, não porque não queiram, mas por estarem as janelas constantemente cerradas e as casas de antes, que eram baixas, bem mais altas e longe das aldeias.

Escolhos e não escolhas são o que a COVID-19 impõe. Se não houver poetas para precisar seu caminho, não se pode deixar sequer o olhar na estrada, já que não escolhe a si por nomes nem por amores.

Fernando Pessoa (1977, p. 231), já havia dito em uma de suas poesias que “Não basta abrir a janela / para ver os campos e o rio. / Não é o bastante não ser cego / para ver as árvores e as flores”, pois, quando cada um de nós se fecha em sua cave, “Há só uma janela fechada, e o mundo lá fora; / E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse, / Que nunca é o que se vê quando se abre a janela (...)”.

Fique em casa!

Referência

GEDEÃO, António. **Poemas escolhidos**. Lisboa: João Sá da Costa, 1996.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.